

Tertúlia literária dialógica: espaço do contar, ouvir, aprender e ensinar histórias literárias

*Dialogical Literary Tertullian: space for telling, listening, learning and teaching
literary stories*

Thais Aparecida Bento Reis*
Universidade de Alfenas
Alfenas, Minas Gerais, Brasil

Vanessa Cristina Giroto**
Universidade de Alfenas
Alfenas, Minas Gerais, Brasil

Resumo: Nesse artigo, abordamos o impacto das histórias contempladas por meio da leitura literária na vida de diferentes sujeitos. Buscamos focalizar tal ação por meio da Tertúlia Literária Dialógica, uma atividade em que são lidas obras clássicas da literatura universal e que tem como um de seus objetivos promover uma educação literária crítica e dialógica, possibilitando com que os textos sejam compreendidos como algo inerente à vida do leitor. Apresentamos um breve relato sobre o percurso histórico da literatura, de suas origens na tradição oral das primeiras civilizações à contemporaneidade, e compreendemos como ela influencia a cultura e formação humana. Como resultado de pesquisas ligadas às práticas vivenciadas em diferentes contextos sociais (Unidade Prisional e Escola dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental), podemos afirmar que as leituras e reflexões sobre as histórias que surgem na Tertúlia Literária Dialógica possibilitam ao participante dessa atividade entrelaçar o mundo da literatura com seu contexto de vivência e, assim, pensar e repensar sua própria história.

Palavras-chave: Histórias Clássicas. Leitura. Tertúlia Literária Dialógica.

Abstract: In this article, we approach the impact of the contemplated stories through literary reading in the lives of different subjects. We seek to focus on such action through the Dialogical Literary Tertullian, an activity in which classic works of universal literature are read and whose objective is to promote a critical and dialogical literary education, enabling texts to be understood as something inherent in life of the reader. We present a brief account of the historical path of literature, from its origins in the oral tradition of the first civilizations to contemporary times, and we understand how it influences human culture and formation. As a result of research related to the practices experienced in different social contexts (Prison Unit and School of the Early Years of Elementary Education), we can say that the readings and reflections on the stories that appear in the Dialogical Literary Tertullian enable the participant of this activity to intertwine the world of literature with its context of experience and, thus, think and rethink its own history.

Keywords: Classic Stories. Reading. Dialogical Literary Tertullian.

* Professora da Educação Básica e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alfenas.
E-mail: thaisbentotp@hotmail.com.

** Doutora em Educação e Professora da Universidade Federal de Alfenas – Minas Gerais.
E-mail: vanessagiroto30@gmail.com.

1 HISTÓRIAS DA VIDA QUE SE ENTRELAÇAM COM HISTÓRIAS LITERÁRIAS

Em uma tentativa de aproximar amistosamente leitores (as) e autoras, iniciamos este texto compartilhando um assunto que parece comum a muitas pessoas: as histórias que nos fazem e nos refazem cotidianamente. Histórias faladas, histórias contadas, histórias silenciadas, histórias compartilhadas, histórias de vidas, histórias de pessoas com as mais variadas histórias e, por acreditarmos que todas as histórias humanas merecem ser enriquecidas com aspectos fantásticos da vida real contaremos uma parte da nossa história com vocês.

Somos duas autoras, mulheres, professoras, pesquisadoras e apaixonadas pelas histórias que nos contam e por aquelas que contamos aos outros e a nós mesmas. Assim, a ideia contida nesse texto é a de ir entrelaçando as tramas teóricas da academia, ao mesmo tempo em que compartilhamos a forma como pensar a vida por meio das histórias vivenciadas nas Tertúlias Literárias Dialógicas¹ e poder ressignificar as aprendizagens instrumentais e de mundo de diferentes sujeitos. Tudo isso, porque entendemos o potencial formativo e humanizador das histórias e acreditamos que elas podem impactar a vida de vocês, também.

Uma das autoras quer iniciar essa conversa dizendo que ao fazer um histórico das grandes sensações refletidas em sua vida com relação às histórias vivenciadas, seguramente lhe vêm à mente nomes de pessoas queridas, amigos/as, familiares e professoras. Pessoas que se encarregaram de tirar da estante não somente um livro, mas junto com ele histórias que, inicialmente, foram compondo a sua existência, a princípio compartilhada, para posteriormente descobrir o gosto e a aventura de ler sozinha em seu quarto, sentada nos bancos dos ônibus, nas salas de aulas com seus alunos e alunas, na universidade e nos demais ambientes compostos ora por gentes ora por livros!²

Conta ainda que, a princípio foram os monstros, os gigantes, a assombração, a mula sem cabeça, o lobo mau, a escuridão na fazenda na casa de uma tia avó, entre outros entes que se tornaram os primeiros íntimos de seu mundo. Uma mistura de aventura, medo, suspense, não sabe ao certo, apenas sabe que os personagens e tais temas foram os responsáveis por iniciarem nela o gosto e a paixão pelas histórias que se tornaram tão fascinantes como os olhos de ressaca de Capitu e se enraizaram em sua alma como os baobás do Pequeno Príncipe. Agora, professora Universitária, continua essa tarefa conduzindo e compartilhando as histórias pelos mais diferentes contextos: sistema

¹ O professor espanhol Miguel Loza foi o idealizador das Tertúlias Literárias Dialógicas com crianças no território espanhol a partir de reelaborações dos estudos de Ramón Flecha sobre as tertúlias literárias dialógicas com pessoas adultas. Hoje, no Brasil, as tertúlias Literárias Dialógicas são disseminadas pelo Niase/UFSCar e por pesquisadores(as) formados nesse centro. Para maiores informações, consultar a página: <http://www.ufscar.br/niase/>

² As discussões que envolvem esse artigo são baseadas em discussões presentes nas teses e dissertações, produzidas pelas autoras do texto.

prisional; escolas; formação de professores; alfabetização de adultos, por meio da Tertúlia Literária Dialógica.

As histórias que permearam a vida da outra autora desse texto, tiveram início com as “contações” que a avó lhe fazia quando era criança, às vezes, eram histórias com finais felizes em outras, finais nem tão felizes assim, mas que contribuíram para que, ao crescer, pudesse aprender que a vida real também tem dessas coisas, mas, como nas histórias é sempre possível recomeçar, abrir um novo capítulo, colocar uma pitadinha de imaginação. Enquanto crescia, essa menina aprendeu a amar os poemas e, em sua experiência como professora alfabetizadora, buscava e ainda busca, ensinar por meio dos poemas não só as palavras, mas também a “descobrir” a vida contida nos versos.

Pensamos que, pelos motivos apresentados, a base para a elaboração desse texto não poderia se distanciar de nossas histórias, pois agora nos encontramos no papel de pesquisadoras, que sentem a necessidade de compartilhar as aprendizagens por meio dos livros literários e até mesmo com as histórias de encantamento, de observar, agora sob outra perspectiva, as aprendizagens que as pessoas constroem em torno das histórias, de investigar, construir conhecimento científico e colaborar na construção da leitura e na reescrita de outros mundos.

Entendemos e valorizamos a urgência do desenvolvimento de propostas educativas baseadas no processo de ler, ouvir, falar sobre as histórias literárias e as próprias histórias dos sujeitos, essencial para ao mesmo tempo ampliar a aprendizagem e trabalhar a humanidade que elas podem nos trazer.

Assim, apresentamos a proposta da atividade denominada Tertúlia Literária Dialógica que é fruto de pesquisas, atividades de extensão e ensino, no sentido de compartilhar com o (a) leitor (a) uma forma de se trabalhar aquilo que foi ouvido, contado, lido, compreendido, lembrado, pensado, por meio da vinculação entre literatura e mundo da vida. Antes, porém, de falarmos sobre a Tertúlia Literária Dialógica faremos uma breve revisão sobre literatura e seu percurso na história.

2 LITERATURA E CLÁSSICOS LITERÁRIOS: UM PERCURSO PELA HISTÓRIA

Por muitos e muitos anos as pessoas ouviram histórias e foram capazes de recontar para outras que as ouviam e voltavam a recontá-las e que depois as transmitiam para outro grupo de pessoas, que as ouvia, dava-lhes significado e recontava-as, recontava-as, recontava-as...

Giroto (2007) faz um resgate das ideias de Coelho (1991) em que autora aborda a questão da tradição oral. Segundo Coelho, nas palavras de Giroto:

(...) foi nessa tradição oral, de geração em geração, que os contadores de histórias, que eram pessoas comuns, do povo, puderam se servir de uma tradição popular rica e diversificada, na qual cada grupo transmitia seus costumes, tradições, gostos, festas, poesias, cantos, e que veio ao longo dos séculos sendo chamada de tradição popular (GIROTO, 2007, p. 43).

Girotto (2007), ainda afirma que, segundo essa autora, os estudiosos descobriram que desde muito tempo as palavras têm demonstrado um poder indecifrável e misterioso sobre as pessoas e sua conduta. A história nos conta passagens de determinadas culturas e grupos que usavam as palavras ora com estranhamento ora com intimidade para inúmeros fins, como por exemplo: palavras contidas nas histórias ajudaram os povos primitivos a vencer “as forças do mal” através das palavras proferidas em seus rituais. Em outros momentos, construíram e fortaleceram a cultura, preservada na memória dos povos, tentando explicar a existência no dia-a-dia.

Sabemos que até hoje as histórias ouvidas e contadas são sentidas e vivenciadas de diferentes formas por diferentes grupos e todas deveriam ser respeitadas em sua forma, apesar de sabermos da luta pela manutenção da história de determinados grupos culturais, étnicos, sociais, considerados ou superiores ou inferiores, dependendo da carga ideológica que atua na sociedade.

Ao mesmo tempo, percebemos como o contar histórias é algo universal e necessário a qualquer cultura e que apesar de ter nascido de diferentes fontes percorreu enormes distâncias, prova da necessidade de comunicação entre as pessoas, que sempre foi essencial à sua natureza, talvez por isso que, segundo Coelho (1991, p. 13), “o impulso de contar estórias dever ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros certa experiência sua, que poderia ter significação para todos”.

Ela ainda acrescenta que pode ser que esses povos da antiguidade nem imaginavam o quanto suas histórias e culturas iriam constituir e influenciar a humanidade, que através do tempo e do espaço continuam a sonhar, descobrir, recriar e buscar sentido para a própria vida através delas. O caminho que essas histórias percorreram entre os diferentes povos do mundo para se chegar até aqui não sabemos, mas sabemos que as histórias dos livros tornaram-se eternas, pois sendo antigas, continuam sempre novas, porque são lidas por diferentes pessoas e em diferentes contextos. A partir dessa observação da autora, cabe a nós, lutar pelo direito de tais histórias continuarem vivas, contribuindo para a construção da diversidade cultural e serem eternas realmente eternizadas.

A partir dessa compreensão, podemos afirmar que os séculos de histórias e tradições culturais de diversos povos nos deixaram como uma das heranças os clássicos literários que permeiam diferentes contextos em que a leitura é vivenciada. Entendemos que muitas das histórias foram contadas por meio da oralidade, algumas foram registradas, outras não e, nesse texto, daremos enfoque às histórias contempladas nas obras que denominamos como clássicas, por entender que são fontes que chegaram até nós contando histórias de amor, guerra, paz, fome, traição, sonho, de diferentes maneiras, que nos fazem refletir sobre a nossa própria sociedade.

Autores de concepções teóricas e/ou literárias distintas nos apresentam suas definições de clássico literário, mas explicitaremos aqui algumas definições que consideramos expressivas e que contribuem na fundamentação desse texto em relação à atemporalidade inerente à literatura clássica universal.

A primeira definição que apresentamos é de Machado (2009, p. 15) que afirma que “Clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai de moda”.

No mesmo sentido, Ezra Pound, poeta e crítico, afirma que uma obra se torna clássica “[...] devido a uma certa juventude eterna e irreprimível” (POUND, 2006, p. 22).

A partir dessas duas definições, compreendemos que a leitura de um livro clássico possibilita ao leitor explorar histórias escritas há séculos, mas que permitem também serem compreendidas de certa forma, articuladas à atualidade e ao contexto de quem as lê.

Assim, destacamos também, dentre as diversas definições que o autor Ítalo Calvino apresenta em seu livro *Por que ler os clássicos*, a afirmação de que “é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (CALVINO, 2007, p. 15).

Diante dessas definições, enfatizamos que nenhuma (re)leitura de um clássico resultará na mesma forma de compreendê-lo, uma vez que a obra permite um contínuo diálogo com a vivência do leitor ou leitora, bem como um contínuo diálogo do mundo com a literatura.

Fundamentadas em autores(as) como Calvino (2007), Machado (2009), Bloom (1995), Pound (2006) e Perrone-Moisés (2009), identificamos algumas características presentes nas obras clássicas da literatura que contribuem para a experiência do leitor:

-Domínio da linguagem: não se trata apenas de aspectos ortográficos ou gramaticais, mas contribui para que haja uma compreensão crítica.

-Abrangência atemporal: ser atual e despertar reflexões de diferentes contextos é uma característica presente nas definições de vários autores, o texto clássico permite conhecer o passado e compreender o presente.

-Atributos estéticos: a literatura clássica possibilita ao leitor o contato com um enredo envolvente por meio de técnicas de linguagem que exigem bem mais que decifrar palavras, mas exigem interpretação reflexiva.

-Amplitude de sentidos: a leitura de um texto clássico resulta em encontrar respostas a partir de diferentes interpretações, não é apenas um texto, mas objeto de leitura e reflexão.

Por ter essas características que desenvolvem a consciência crítica de si e do mundo à sua volta, é que durante muitos anos o acesso ao conhecimento descrito nos livros esteve restrito a uma parcela elitizada da sociedade.

Sabemos que ao longo da história, os livros de literatura clássica foram proibidos, impedindo sua leitura pelos jovens com o medo de que neles houvesse algo “contrário aos bons costumes”. Coelho (1991) afirma que muitos autores e livros foram proibidos com a instauração da Inquisição, “(...) transformando as *belas artes* em obras de salvamento das almas, favorecendo a literatura moralizante ao lado da permanência das obras fantasiosas contidas na tradição oral dos povos europeus que mais tarde contribuíram para a formação da Literatura Infantil” (COELHO, 1991, p.65).

Olhando para esse cenário e nos deparando com a realidade que nos assombra desde o início de 2019, temos a certeza de que a história humana é um processo constante de ir e vir e a história e a literatura sempre sobreviveram e sempre sobreviverá! Para isso,

temos que ser resistência em todos os campos, inclusive no campo de defesa das histórias dos menos privilegiados, dos que não são ouvidos, dos que não são evidenciados!

Sobre a criação de narrativas de um lugar ou de uma gente, vale aqui destacar o que argumenta Ianni (2000), ao se reportar ao tema. Afirma que:

(...) muitas narrativas que circulam na nossa sociedade estão empenhadas em entender ou fabular as histórias de muitos povos, tribos, nações, culturas e civilizações, modos de ser, estilos de vida e visões de mundo. Na medida em que seus autores lidam criativamente com a paixão, a intuição e a imaginação tornam-se notáveis e clássicas. E comenta ainda que os caminhos dos mundos não estão traçados, pois em cada travessia, o viajante, ao desbravar o desconhecido, redesenha o conhecido. E à medida que viaja, ele se desenraiza, solta, liberta, e nesse percurso o viajante tanto se perde como se encontra, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa (IANNI, 2000, p. 31).

Na mesma direção, Ianni (2000) indica que em cada região ou país a literatura, juntamente com a narrativa histórica e científica, vai formando a ideia de nação, difundindo e ao mesmo tempo procurando revelar formas de ser, problemáticas, dramas. Fazemos aqui um paralelo sobre muitas delas irem compondo o que se consideram os clássicos da literatura nacional, ou regional (latino-americana, por exemplo), pelo mesmo critério de permanência e aceitação já exposto com relação aos identificados como universais³.

Ao veicularem ideias e imagens do mundo, das relações humanas, reconhecidas por pessoas, grupos e instituições, as histórias compartilhadas nas Tertúlias Literárias Dialógicas podem auxiliar na leitura de mundo das participantes, bem como na leitura crítica do que as próprias narrativas afirmam. Ao assim proceder, subverte-se sua leitura como um distintivo social entre pessoas e grupos e compartilha-se o lido, o contado, o imaginado. Nesse sentido, apresentamos tal atividade com os clássicos Universais para dialogar com o enredo humano.

3 TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA: COMPARTILHANDO HISTÓRIAS

A Tertúlia Literária Dialógica nasceu no ano de 1978, na Espanha, como uma atividade cultural e educativa não formal, na escola de Pessoas Adultas “La Verneda de Saint Martí”, Barcelona/ Espanha. Todas as atividades desta escola derivam da pedagogia de Paulo Freire, dessa forma, o diálogo está presente em todos os espaços, desde uma pequena atividade, até a tomada de decisões coletivas o que significa dizer que a educação deve colaborar para a formação de pessoas livres, democráticas, participantes e solidárias.

A tertúlia é uma atividade que se diferencia das demais atividades de leitura não apenas pelo seu caráter dialógico, mas também pela sua organização e funcionamento.

³ De acordo com o autor a questão nacional está em: José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, entre outros. Da mesma maneira em Varnhagen, José Veríssimo, Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes e outros (IANNI, 2004, p.147).

Uma definição bem clara de seu funcionamento pode ser encontrada nas palavras de Flecha (1997⁴):

A Tertúlia Literária se reúne em sessão semanal de duas horas. Decide-se conjuntamente o livro e a parte a comentar em cada próxima reunião. Todas as pessoas leem, refletem e conversam com familiares e amigos durante a semana. Cada uma traz um fragmento eleito para ler em voz alta e explicar o significado atribuído aquele parágrafo. O diálogo vai sendo construído a partir dessas contribuições. Os debates entre diferentes opiniões se resolvem apenas através de argumentos. Se todo o grupo chega a um acordo, ele se estabelece como a interpretação provisoriamente verdadeira. Caso não se chegue a um consenso, cada pessoa ou subgrupo mantém sua própria postura; não há ninguém que, por sua posição de poder, explique a concepção certa e a errônea (FLECHA, 1997, p. 17-18).

Após anos de funcionamento, muitas adaptações foram sendo feitas, de acordo com os contextos. Lembrando que a essência não é adaptável (princípios de funcionamento e leitura das obras clássicas), mas sim o tempo de duração, por exemplo e os contextos.

A atividade fundamenta-se na perspectiva dialógica da aprendizagem que foi elaborada pelo Community of Researchers on Excellence for all (CREA) da Universidade de Barcelona/Espanha e pode ser definida pela interação social entre as pessoas, mediada pela linguagem. É um processo não apenas de leitura, mas também de diálogo, por meio do qual as pessoas podem trocar ideias, aprender conjuntamente e produzir mais conhecimento, encontrando, assim, novos significados que transformam a linguagem e o conteúdo de suas vidas. De acordo com Valls, Soler e Flecha (2008):

A leitura dialógica é o processo intersubjetivo de ler e compreender um texto sobre o que as pessoas aprofundam em suas interpretações, refletem criticamente sobre o mesmo e o contexto, e intensificam sua compreensão leitora através da interação com outros agentes, abrindo assim possibilidades de transformação como pessoa leitora e como pessoa no mundo (VALLS; SOLLER; FLECHA, 2008, p.3).

Os princípios da aprendizagem dialógica, que orientam a atividade podem ser definidos da seguinte forma: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças.⁵ Todos eles são vivenciados na atividade a partir da mediação da pessoa mais experiente, que conduz a atividade dentro desses preceitos. Resumidamente, podemos afirmar que:

- **Díálogo igualitário:** é a possibilidade de todas as pessoas dizerem o que desejam dizer, a partir do poder de seus argumentos e não do argumento de poder, vivenciado pela posição social que ocupam, por exemplo;

- **Inteligência cultural:** A inteligência é um potencial cognitivo que é moldável, que

⁴ Flecha foi o idealizador dessa atividade nesta escola, pois em outros lugares da Espanha ela já vinha acontecendo, em parceria com o professor Miguel Loza no "Centro Público de educación infantil y primaria "Ruperto Medina" que se encuentra localizado en Portugalete (Bizkaia).

⁵ A Discussão detalhada de cada um dos princípios pode ser encontrada na Obra: Compartiendo Palabras: al aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. [s.l.]: Paidós, 1997.

se aprende, se transforma e se desenvolve em função das oportunidades que se criam em cada contexto social e cultural.

- **Transformação:** é o reconhecimento de que somos seres de transformação e não de adaptação

- **Dimensão Instrumental:** é a possibilidade de todos os contextos vivenciarem e terem acesso a uma boa preparação acadêmica, para concorrerem de forma igualitária com os grupos com maiores acessos aos instrumentos escolares;

- **Criação de sentido:** o sentido vai sendo criado no coletivo, a partir do momento em que as pessoas são valorizadas por aquilo que sabem e que podem saber futuramente.

- **Solidariedade:** vai se estabelecendo na medida em que se percebe que ninguém sabe tudo e que ninguém ignora tudo, podendo ampliar as aprendizagens de forma coletiva.

- **Igualdade de diferenças:** é o direito de cada pessoa viver de forma diferente na sociedade.

Também podemos acrescentar à compreensão dessa atividade nos apoiando nas obras de Vygotsky (2009, p. 137-139) e sua abordagem de que a aprendizagem não é desenvolvimento, mas sim um aspecto universal e necessário do processo de desenvolvimento culturalmente organizado e, especificamente humano das funções psicológicas. Tal abordagem nos auxilia nessa tarefa de compreensão e reforça a ideia da leitura dialógica como uma aprendizagem organizada que se converte, para este autor, em desenvolvimento mental e começa uma série de processos evolutivos que não poderiam se dar fora da aprendizagem.

Estamos em pleno acordo com Vygotsky, de que a educação entendida dessa maneira passa a ser uma das ferramentas para a transformação da sociedade, já que este autor acredita na mudança dos processos psicológicos através da transformação das interações do contexto e não da sua adaptação a ele: a aprendizagem desperta uma série de processos evolutivos internos capazes de operar somente quando a criança está em interação com pessoas de seu entorno e em cooperação com algum semelhante (mais capaz, ou seja, aquele mais experiente na cultura em que se está inserido).

Nessa mesma linha de pensamento, temos as contribuições de Freire (1982, 2003, 2004, 2005, 2006 a.) que assume a postura ética e política de entender os seres humanos como seres de transformação e não de adaptação. Este autor confia na capacidade de todas as pessoas em transformar a realidade, entendendo que a história é possibilidade e não determinação e também na necessidade de se ter uma educação que ofereça também instrumentos para aprofundar a técnica do ler e do escrever.

Este é o papel da educação emancipadora para Freire (2005, p. 47), uma educação que transforma o indivíduo e o mundo; é uma educação da pergunta, que conscientiza e liberta, diferentemente daquela educação bancária, tão enfaticamente criticada por ele, em que o professor é o depositário de conteúdo e o(a) aluno(a) seu receptor.

Ao apontar a possibilidade de transformação, o autor indica a libertação do homem como sendo possível também de ser realizada através do pronunciamento da palavra verdadeira. Palavra que tem vida, que liberta, que transforma.

Segundo Freire (2005, p. 89) “[...] não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo”. Neste sentido, no entendimento de Freire, a transformação e a comunicação estão unidas. É isso que dá sentido à vida humana. Seu conceito de diálogo é central na elaboração do conceito de leitura dialógica, pois nesse espaço, compartilha-se as reflexões, sensações, interpretações de cada pessoa que conta sua experiência pessoal a partir do lido, do vivido, do desejado, ou seja, daquilo que mais a toca enquanto sujeito.

Entre os preceitos centrais desenvolvidos por Freire, destacamos os elementos constitutivos do diálogo presentes na obra: *Pedagogia do Oprimido*, e que entendemos como essenciais para a discussão dessa atividade.

- **Amor ao mundo e aos homens:** Freire (2005) afirma que não há diálogo se não houver profundo amor ao mundo e aos homens. O amor é um ato de coragem, de compromisso com os homens, com a causa dos oprimidos, com a humanidade, pois “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (p. 92)

- **Humildade:** o autor afirma que a pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. Assim, é impossível o diálogo entre as pessoas que se consideram autossuficientes, porque o diálogo é um encontro entre as pessoas, que em comunhão buscam saber mais (p. 93).

- **Fé nos homens e nas mulheres:** para Freire (2005) a fé é um dado a priori do diálogo, por isso existe antes mesmo que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. É a fé no seu poder de fazer e de refazer e no mesmo sentido, afirma que não é uma fé ingênua, é crítica, reconhecendo que em uma situação de alienação, os homens possam ter esse poder de transformação, de criação, prejudicados.

- **Confiança:** ele afirma que a partir do momento em que a confiança se instaura no diálogo, ela vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo. A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções, não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos. Não existe confiança na educação bancária: “seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos”. (p. 94)

- **Esperança:** de acordo com Freire (2005) se o diálogo é o encontro dos homens para ser mais, não pode fazer-se na desesperança. Esperança esta que está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca, uma busca que se faz na comunicação entre os homens, não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero. (p. 95). É impossível o diálogo se os sujeitos não esperam nada de seu quefazer.

- **Pensar verdadeiro:** este é um pensar crítico para Freire (2005), que se opõe ao pensar ingênuo. É um pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante devenir e não como algo estático e, este pensador crítico percebe a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização dos homens.

Sendo assim, não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro e sem este diálogo não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação. (p. 96)

Queremos afirmar, que todos esses preceitos desenvolvidos por Freire são trabalhados na Tertúlia Literária Dialógica, por entender que são elementos centrais no processo formativo de um sujeito.

A atividade se organiza de maneira que o grupo possa selecionar o livro de literatura clássica que deseja ler individualmente ou de forma coletiva, dependendo do contexto em que a atividade é desenvolvida. Em um segundo momento, os participantes se encontram uma vez na semana, em horário fixo e acordado por todos, para discutir aquilo que tenha impactado mais. Nesse momento, espera-se vivenciar os princípios dialógicos elencados por Freire e, também por Flecha (1997), em especial o princípio da solidariedade do grupo, já que todos os membros podem compartilhar seus sentimentos e reações com os demais participantes.

A atividade de Tertúlia Literária Dialógica vem sendo desenvolvida desde o ano de 2012 na Universidade Federal de Alfenas-MG, por meio de ações coordenadas pelas autoras do artigo. Em 2019, a atividade passou a ser parte do grupo de pesquisa que se oficializou e foi cadastrado no CNPQ- EducateLiê.

As primeiras iniciativas de se trabalhar com a Tertúlia Literária Dialógica em Minas Gerais, deu-se a partir de 2015 quando buscou-se trabalhar com o público da Educação de Pessoas Jovens e Adultas, vinculando o projeto ao programa Universidade Aberta a Terceira idade- UNATI, eixo alfabetização, coordenado por uma das autoras do artigo. Em 2016, as formações se estenderam às escolas e professoras da rede, que iniciaram suas atividades com crianças. Em 2017, a proposta da Tertúlia Literária Dialógica foi estendida ao sistema penitenciário. Atualmente, acontece em todos esses espaços e algumas iniciativas isoladas acontecem nas salas de aulas, como parte do processo formativo do ensino da graduação.

Importante destacar que, de acordo com os resultados de nossas pesquisas, a leitura dos clássicos que acontece por meio da Tertúlia Literária Dialógica contribui para o êxito e para o desenvolvimento de habilidades essenciais para a formação de leitores não apenas em âmbito escolar, mas para a formação de sujeitos leitores e críticos em diferentes contextos. Destacamos, assim, quatro elementos que estão intrínsecos ao trabalho com os clássicos:

-Diversidade de gêneros textuais: durante a Tertúlia Literária Dialógica podem ser lidos clássicos de diferentes gêneros textuais: fábulas, romances, poemas, contos, dentre outros.

-Aprendizagem e desenvolvimento da leitura: as pessoas que participam da Tertúlia Literária Dialógica devem fazer a leitura prévia do texto e, no decorrer da atividade, fazem a leitura de um trecho que pretendem destacar. Esse processo de leitura contribui para que o sujeito desenvolva as habilidades referentes à aprendizagem da leitura, como por exemplo, no caso das crianças em processo inicial de alfabetização, ela facilita o reconhecimento sobre o alinhamento da escrita, a utilização da pontuação e de

outros elementos utilizados para dar sentido ao texto, além, de desenvolverem a leitura autônoma, dentre outras.

-Desenvolvimento da oralidade: esta é uma das habilidades essenciais para a formação de um leitor; o diálogo igualitário presente na Tertúlia Literária Dialógica, vai além de falar e ouvir, envolve, antes de tudo, respeito aos demais participantes, interação com ideias e opiniões diferentes, possibilita o contato com variedades linguísticas e o desenvolvimento de habilidades de argumentação, dentre outras.

-Desenvolvimento do sistema de escrita: o contato com uma linguagem formal (própria dos clássicos literários), bem como a busca pela compreensão de palavras ou expressões pouco conhecidas pelos alunos, permite ao professor mediador utilizar desses momentos para contribuir com o ensino da língua escrita, o que acontece na Tertúlia Literária Dialógica por meio da interação dialógica e do princípio da dimensão instrumental.

Relataremos, a seguir, duas experiências realizadas em espaços de uma cidade localizada no Sul de Minas, onde estão ocorrendo esta experiência no âmbito da pesquisa e da extensão.

4 A TERTÚLIA NO PRESÍDIO: HISTÓRIAS COMPARTILHADAS QUE HUMANIZAM

Relatórios Estatísticos Sintéticos do Sistema Prisional Brasileiro - 2000 a 2013 mostram crescimento no número de presos de 232.755 para 622.202 pessoas como Evolução da população prisional no Brasil (MJ, 2015). Deste total mais de 72 mil estão no estado de Minas Gerais. Na cidade onde acontece a Tertúlia Literária Dialógica a instituição prisional mostra esta situação com mais de 660 detentos para 22 celas que teriam capacidade de 10 pessoas por cela. Diante desse contexto, Tertúlia Literária Dialógica é desenvolvida pelo viés da pesquisa e da extensão dentro deste sistema prisional, que se justifica pela necessidade de inclusão social, da criação de oportunidades de estudos e, conseqüentemente, da modificação nas relações pessoais e familiares para a construção de uma sociedade mais humanizada com redes de solidariedade.

Baseado em uma perspectiva dialógica de educação, o projeto busca promover ações de leitura da palavra em conjunto com a leitura de mundo desses sujeitos, de forma a repensar a realidade de forma crítica e, assim poder transformá-la. Temos como exemplos algumas histórias compartilhadas nesse contexto, pelos sujeitos privados de liberdade após a leitura de alguns clássicos universais, como: *O Mito da Caverna* (Platão); *Revolução dos Bichos* (George Orwell); *Sorôco, sua mãe e sua filha* (João Guimarães Rosa); *Casa Tomada* (Júlio Cortazar).

“Por um momento, esqueci que estava preso” (Renan⁶).

“Acho que não dependemos só de mim, mas depende da busca de conhecimento com outras pessoas. Sozinho não conseguimos fazer nada” (Paulo).

⁶ O projeto tem a aprovação do comitê de ética da Universidade e os nomes dos participantes foram substituídos de forma a preservar suas identidades

“Uma família que cresce na favela, não tem as mesmas condições. Não podemos generalizar. Uma criança que nasceu na rua não tem condição de escolher” (Oswaldo).

“As oportunidades quando eu sair daqui, não vão ser iguais as das outras pessoas que estão fora daqui” (Pablo).

“Todos nós (em liberdade também) estamos em um certo aprisionamento emocional, por exemplo, e é sofrido, pois não temos ideia de como e quando sair, diferente do aprisionamento físico” (Patrícia).

“Na TLD já tiveram opiniões diferentes, porém sem discutir; diferentes opiniões na TLD não tem problema (Vera e Patrícia); dentro da cela não acontece isso. O curso ajudou a romper as barreiras de uma com a outra” (Vera).

“A única luz que bate na cela é o sol; o eco que bate neles são as vozes externas, só depende deles a mudança” (João)

“Ele não queria enxergar a realidade, pois tinha muita coisa que ele ia ver e não ia gostar” (Antônio)

Percebemos que o ato de compartilhar não apenas as histórias, mas a vida faz com que os dias e a dor vivenciadas naquele espaço sejam amenizadas. Isso comprova a nossa humanidade, ou seja, morte, amor, sofrimento, dor, paz são temas eternos da humanidade e tratados pelos clássicos universais. Compartilha-se, nesse espaço não apenas a história lida ou ouvida de um autor desconhecido, mas a sua própria dor e sua própria esperança. O falar é um ato de resistência.

5 A TERTÚLIA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS COM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A leitura literária apresentada na escola vem carregada de uma concepção (baseada no senso comum) de que as crianças não gostam de ler, mas é preciso ressaltar que, muitas vezes, as atividades propostas aos alunos e alunas se resumem em leituras rápidas, elaboração de resumos, respostas a questionários com perguntas de interpretação textual que não exprimem o que aquele texto realmente significou para o leitor, além de tantas outras atividades que fazem com que os alunos “leitores” compreendam a prática de leitura como algo mecânico e descontextualizado de sua realidade familiar, cultural e/ou social.

Partindo dessa realidade, abordar o tema dos clássicos literários na escola pode, inicialmente, causar certa estranheza até mesmo para professores(as), por ser uma literatura pouco e, em muitos momentos, utilizada erroneamente nas atividades em salas de aulas.

Relataremos, a seguir, uma de nossas experiências a partir da leitura literária na Tertúlia Literária Dialógica. Ela aconteceu com crianças⁷ que estudam em turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola na zona rural. Na Tertúlia Literária

⁷ Os nomes apresentados são fictícios e esses dados fazem parte de um projeto também aprovado pelo Comitê de ética da Universidade.

Dialógica⁸ desenvolvida em uma das turmas, o livro escolhido pelas crianças foi *Ilíada* (2004), traduzida por Ruth Rocha.

PROFESSORA MEDIADORA: “O próximo a fazer o destaque será o Lúcio. Por favor (Lúcio), nos diga qual é a página e o parágrafo”.

LÚCIO: “Página 11, primeiro parágrafo”.

PROFESSORA MEDIADORA: “E por que você destacou esse trecho?”

LÚCIO: “Eu não entendi muito bem porque o exército grego raptava as mulheres das cidades. O que elas vão fazer na guerra?”

PROFESSORA MEDIADORA: “Alguém quer comentar ou opinar sobre essa dúvida dele?”

PAULO: “Eu acho que eles levam as mulheres para fazer comida para eles. Não dá para as mulheres fazerem nada, mulher não luta na guerra”.

PROFESSORA MEDIADORA: “Pode falar DANILLO, qual sua opinião?”

DANILO: “Eu acho ‘igual’ o Paulo, elas (as mulheres raptadas) fazem a comida enquanto eles (os soldados) estão lutando”.

PROFESSORA MEDIADORA: “JOÃO, sua vez”.

JOÃO: “Mas a mulher não serve só pra fazer comida, na minha casa o meu pai faz comida, não é só minha mãe”.

PROFESSORA MEDIADORA: Paulo, por que você pensa dessa forma (que mulher só serve para cozinhar)?

PAULO: “Na minha casa minha mãe que faz comida, minha avó também faz. Meu tio trabalha”.

JOÃO: “Na minha casa meu pai trabalha e minha mãe trabalha, eu até acho que minha mãe trabalha mais, porque ela dá banho na minha irmã para vir para a escola, lava roupa, ‘tira’ leite de tarde (trata-se de uma família de aposentados) e me ajuda fazer tarefa”.

PROFESSORA MEDIADORA: “E agora, Lúcio, o que você pensa sobre o motivo do rapto das mulheres pelo exército ainda continua? Depois das falas dos seus colegas, o que você pensa sobre a função das mulheres?”

LÚCIO: “Então eu acho que em cada casa a mulher trabalha de um jeito. O homem trabalha e ela (a mulher) trabalha”.

[...]

A partir desses pequenos trechos relatados, observamos quantas discussões atuais podem ser feitas a partir da leitura de uma história milenar, como por exemplo, a comparação entre “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”.

Nos exemplos trazidos para esse texto, destacamos a presença das características de um texto clássico nas seguintes colocações:

-Abrangência atemporal e amplitude de sentidos: no texto lido com as crianças percebe-se que a *Ilíada* é um texto que originalmente foi escrito por volta do século IX antes de Cristo, e que mesmo com o decorrer do tempo possibilitou que crianças pudessem refletir criticamente, dentre outros temas, sobre o papel e a valorização da mulher na sociedade atual. No texto lido com os adultos, por exemplo, O Mito da Caverna, o participante faz uma analogia com as diversas formas de se enxergar a

8 Ressaltamos que as discussões na Tertúlia Literária Dialógica nesse dia foram além desse trecho aqui exposto, outras pessoas participaram e deram suas opiniões.

realidade, dependendo do tempo em que ficou no escuro e do tanto que está disposto a fazer seus olhos doerem quando começar a enxergar a luz.

-Desenvolvimento da leitura: durante a Tertúlia Literária Dialógica, o participante precisa identificar a página e o parágrafo que será lido e deverá acompanhar a leitura que o colega de turma fará; há também nessa atividade o **desenvolvimento da oralidade**, cada participante deve esperar sua vez para falar e/ou comentar, concordar ou discordar da opinião dos demais, desde que todas as colocações sejam respeitadas.

Dessa forma, podemos afirmar que é possível aprender histórias literárias refletindo sobre diferentes temas do cotidiano de forma crítica e dialógica; rompe-se também com a concepção (baseada no senso comum) de que crianças ou sujeitos com baixa escolaridade ou ainda, sem capital cultural aceitável pela sociedade não compreendem um texto clássico devido à sua linguagem ou ao período histórico em que foi escrito. O entendimento, nesse tipo de atividade, é o sentido que está dentro e precisa ser colocado para fora, por meio do respeito e da aceitação das diferentes opiniões que formam e transformam nossas vidas.

Assim, a leitura por meio da Tertúlia Literária Dialógica contribui expressivamente não só para ouvir, mas também para aprender e ensinar histórias literárias de forma dialógica e reflexiva, de modo que o leitor possa entrelaçar a história lida com o cotidiano vivido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que expusemos nesse artigo, entendemos que a leitura literária apresentada na escola e na sociedade, de forma geral, vem carregada de uma concepção de que as pessoas não gostam de ler, além disso, nos deparamos na escola com propostas atividades de leituras rápidas, elaboração de resumos, respostas a questionários que fazem com que os alunos “leitores” compreendam a prática de leitura como algo mecânico e descontextualizado de sua realidade familiar, cultural e/ou social. Muitas vezes, essas atividades são perguntas de interpretação textual que não exprimem o que aquele texto realmente significou para o leitor.

Da mesma forma, desconsidera-se a capacidade dos sujeitos em privação de liberdade em refletirem sobre suas histórias, pois é um espaço arraigado de preconceitos e opressão. No espaço de privação de liberdade, o desafio é ainda maior, pois são pessoas que historicamente tiveram suas histórias e individualidades roubadas e, ao adentrar aquele espaço, continuam silenciadas. A literatura torna-se uma oportunidade de se reconhecerem nas histórias e, assim, experimentarem outras formas de liberdade, mesmo entre 4 paredes.

Assim, abordar o tema dos clássicos literários na escola ou no presídio pode, inicialmente, causar certa estranheza até mesmo para professores(as) e para nós, enquanto sociedade, por ser uma literatura pouco e erroneamente utilizada nas atividades cotidianas.

Os exemplos resgatados nos ajudam a entender a importância de incentivarmos a criticidade por meio da literatura, pois entendemos que ela promove um desenvolvimento humano satisfatório, haja visto o desenvolvimento de quatro elementos:

-Contato com uma diversidade de gêneros textuais: podem ser lidos clássicos literários de diferentes gêneros textuais: fábulas, romances, poemas, contos, dentre outros.

-Aprendizagem e desenvolvimento da leitura: as pessoas que participam da Tertúlia Literária Dialógica devem fazer a leitura do texto previamente e, de um trecho dele durante a atividade. Esse processo contribui para que o sujeito desenvolva as habilidades referentes à aprendizagem da leitura, como por exemplo, o alinhamento da escrita, o conhecimento da pontuação utilizada para dar sentido ao texto, dentre outras.

-Desenvolvimento da oralidade: esta é uma das habilidades essenciais para o desenvolvimento, o diálogo igualitário presente na Tertúlia Literária Dialógica, vai além de falar e ouvir envolve, antes de tudo, respeito aos demais participantes, interação com ideias e opiniões diferentes.

-Desenvolvimento do sistema de escrita: o contato com uma linguagem formal possibilita o desenvolvimento da escrita também a partir da interação, da colaboração e da aprendizagem do novo, a busca pela compreensão de palavras ou expressões pouco conhecidas pelos alunos, permite ao professor mediador utilizar desses momentos para contribuir com o ensino da língua escrita.

Por fim, a partir dos resultados de nossas pesquisas, podemos afirmar que a arte de contar histórias pode ser desenvolvida por meio de um diálogo igualitário em diferentes contextos sociais e/ou culturais, conforme as experiências com a Tertúlia Literária Dialógica em unidades prisionais, na universidade e em escolas do Ensino Fundamental.

Confirma-se, portanto, que a leitura de um clássico é sempre uma (re)leitura, haja vista as diferentes maneiras de compreender essas histórias no contexto em que é lida. Contar, ouvir, aprender e conhecer essas histórias por meio da Tertúlia Literária Dialógica é uma experiência de aprendizagem que possibilita ao leitor compreender a literatura por meio da compreensão de situações cotidianas e, ainda, parafraseando Paulo Freire, aprender a fazer a leitura da palavra e a leitura do mundo dialógica e reflexivamente.

Esperamos que este texto tenha trazido um gosto de aproximação entre vocês, nós, os livros e nossas histórias. Esperamos, também que um dia, cada pessoa, privada de liberdade ou não, em processo de escolarização ou não; adultas ou não; oprimidas ou não, possam ter o direito de expressar as sensações vivenciadas pelas histórias em seus corações e que elas continuem a nos ensinar a força da resistência perante a opressão, a morte, a injustiça, a maldade. Histórias vivem ao serem compartilhadas, pois como já dissemos anteriormente, as histórias nos fazem e nos refazem cotidianamente!

REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental: os livros e a escola do tempo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Obetiva, 1995. Trad. Marcos Santarrita.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução por Nilson Moulin. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

- COELHO, Nely, N. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.
- FLECHA, Ramón. **Compartiendo Palabras: al aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo**. [s.l.]: Paidós, 1997.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 1982.
- FREIRE, Paulo. **À sombra dessa mangueira**. 4. ed. São Paulo: Olhos D'água, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2006 a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização: leitura do mundo e leitura da palavra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- GIROTTI, Vanessa C. **Tertúlia Literária Dialógica com crianças e adolescentes: conversando sobre âmbitos da vida**. PPGE/UFSCar. São Carlos, 2007.
- IANNI, Octavio. **Enigmas da Modernidade-Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MACHADO, Ana. M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução por Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ROCHA, Ruth. **Ruth Rocha conta a Ilíada**. São Paulo: Companhia da Letrinhas, 2004.
- VALLS, Rosa; SOLER Marta; FLECHA Ramón. **Lectura dialógica: interacciones que mejoran y aceleran la lectura**. Revista Iberoamericana de Educación, n. 46, jan./abr. 2008. Disponível em <<http://www.rieoei.org/rie46a04.htm>>. Acesso em 15 mar. 2017.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **El desarrollo de los procesos psicológicos superiores**. Barcelona: Crítica, 2009.

Recebido em: 31/01/2020

Aprovado em: 05/04/2020

Publicado em: 20/11/2020